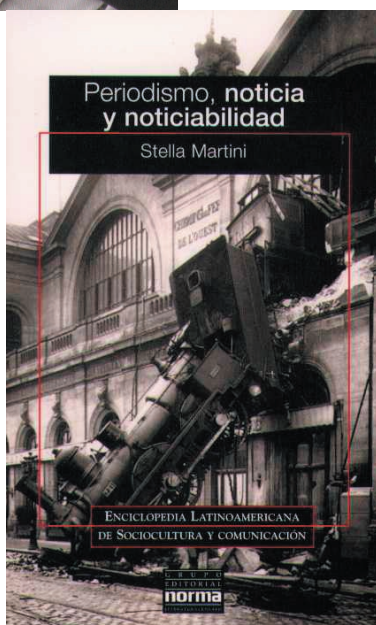
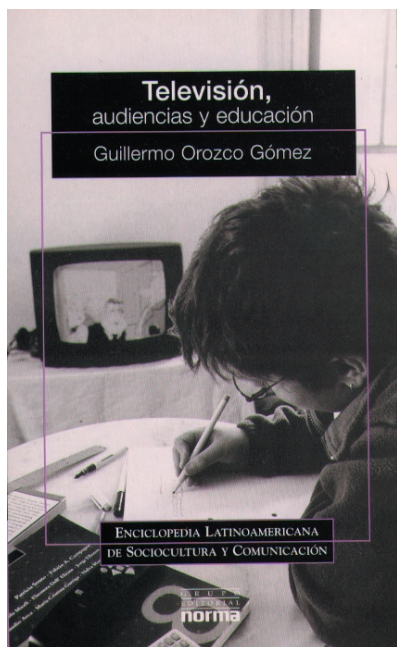


# Bibliografia latino-americana “tipo exportação”



Nilda Jacks, Marcia Benetti Machado, Karla Müller<sup>1</sup>; Luciana B. Dorneles, Luz Mónica Villarroel<sup>2</sup>; e Alan Neiva dos Santos<sup>3</sup>

Núcleo de Pesquisa em Mídia/ PPGCOM- UFRGS

O GRUPO EDITORIAL NORMA, que tem atuação na Argentina, Espanha, Venezuela, Guatemala, Panamá, Equador, Costa Rica, Porto Rico, Salvador, Colômbia e Chile, lançou em 2000 uma coleção dedicada à área da Comunicação, que já conta com 12 volumes. O nome da coleção não é nada modesto, Enciclopedia Latinoamericana de Sociocultura y Comunicación, mas tem sua razão de ser, pois congrega grandes especialistas da área e “tem como objetivo subministrar introduções a conceitos, teorias, métodos, problemas e tendências da cultura contemporânea e suas formas de abordagem”, nas palavras do diretor da coleção Aníbal Ford, professor e pesquisador da Universidade de Buenos Aires e autor de vários livros na área.

Um dos mais respeitados antropólogos brasileiros, Renato Ortiz, abre a coleção<sup>4</sup> com o volume Modernidad y Espacio. Benjamin en París, no qual realiza duas explorações chave nos processos de constituição da modernidade, diz a apresentação do livro. A primeira centrada nas mudanças produzidas em Paris do século XIX e a segunda, na análise das fontes bibliográficas utilizadas por Walter Benjamin, extraindo delas as relações entre o trabalho intelectual e o registro da modernidade. A autoria do segundo volume, Internet: búsquedas y buscadores, ficou a cargo da professora da Universidade de Buenos Aires Laura Siri, que analisa em detalhes o funcionamento, os valores, as irregularidades, as limitações estruturais e as classificações dos sistemas de busca. Contextualiza-os também no âmbito da economia, da convergência dos produtos e produtores de informação.

A responsável pelo terceiro volume é a pesquisadora mexicana Rossana Reguillo, da Universidade de Guadalajara, que escreve Emergencia de culturas

---

juveniles – estratégias del desencanto, no qual fala sobre uma juventude que não é determinada pela idade ou por aparatos de vigilância e controle, que determinam a sua existência, mas que se constitui através da relação multiplamente mediada pela sociedade.

Esta perspectiva, segundo a autora, rompe com as leituras “esteticistas” e o olhar “epidemiológico” que tem pesado nas narrativas construídas sobre os jovens, convidando os leitores a abandonar todos os estereótipos que têm acompanhado a juventude nas últimas décadas e a adotar um novo olhar.

Reguillo faz uma reconstrução da juventude, em diferentes momentos históricos, buscando em diversos autores fontes para a construção do seu olhar, que propõe, acima de tudo, romper com a imagem que vinha sendo construída pela maioria dos pesquisadores contemporâneos, lembrando que a juventude, como a conhecemos hoje, é uma “invenção” do pós-guerra, a partir da qual os vencedores passaram a impor seus estilos e valores. “A sociedade reivindicou a existência das crianças e os jovens como sujeitos de direito e, especialmente, de consumo.”

Citando Bourdieu, a autora lembra que as relações entre a idade biológica e a idade social são muito complexas. Enfatiza que enquanto sujeito social os jovens constituem um universo social mutante e descontínuo, cujas características são resultado de uma negociação/tensão entre a categoria sociocultural e a atualização que como sujeitos concretos levam a cabo, a partir da interiorização diferenciada dos esquemas da cultura vigente.

A autora explica que tanto o conceito como a sua identidade são sempre construídos a partir da sociedade na qual ela está inserida, diretamente ligada ao cenário sociopolítico. Por isso, da mesma forma que os adultos do século XXI não são os mesmos dos séculos anteriores, as crianças e os jovens também mudaram.

Os jovens, enquanto categoria social construída, não têm uma existência autônoma, à margem do resto social, eles se encontram imersos na rede de relações e de interações sociais múltiplas e complexas.

A identidade juvenil, ou melhor, a maneira como a sociedade a identifica, muda da mesma forma que a sociedade. Durante os movimentos estudantis, no final da década de 70, por exemplo, quando os jovens iam às ruas protestar, eles eram tachados de “estudantes” ou “rebeldes sem causa”. Com as guerrilhas, eles passaram a ser “guerrilheiros” ou “subversivos”. Atualmente, segundo Reguillo, devido à violência nas cidades, eles passaram a ser vistos como “delinqüentes e “violentos”.

A autora defende a urgência de se desconstruir o discurso que tem estigmatizado os jovens, principalmente os empobrecidos, como os responsáveis pela violência, e, ao concluir, diz que é urgente uma investigação que penetre hermeneuticamente nos mundos e modos de vida das culturas juvenis, como condição para o impulso de um projeto político sem o qual a diferença e a diversidade são meros instrumentos retóricos da dominação e caldo de cultivo para as violências.

No quarto volume - *Periodismo, noticia y noticiabilidad* -, Stella Martini, professora de Teoria do Jornalismo na Universidade de Buenos Aires, já no início diz que o jornalismo multiplica e naturaliza grande parte dos discursos que circulam na sociedade. Seria o mesmo que dizer que o jornalismo toma para si discursos de outras origens, ignorando a complexidade das ideologias que deram forma a esses outros discursos, e emprestando-lhes o que possui de mais valioso: a presunção de que é objetivo e de que trata apenas da verdade. Agregado a esse risco - ao qual o jornalismo parece se julgar imune -, temos o fato de que a globalização, lembra a autora, dificulta o surgimento de vozes diferentes, sufocando a possibilidade de um jornalismo de fato independente.

Martini fala com propriedade quando afirma que, transformadas hoje as formas de construir a notícia e de consumi-la, devem também os estudos sobre os processos de comunicação fazer a articulação com a cultura em que ocorrem. Diz que “a reflexão teórica sobre a notícia inclui também os sentidos da cultura do espaço público e das práticas cidadãs”. Esta reflexão está inserida no que ela chama de sociedade do infoentretenimento, pois, citando Aníbal Ford, seria um “coquetel de informação e entretenimento”. Dois problemas, na verdade entrelaçados, cercam a notícia, diz Martini: sua oferta e circulação como “qualquer mercadoria” e sua espetacularização. A preocupação com o espetáculo, aliás, atravessa todo o livro e também o encerra: o fecho de sua reflexão se dá sobre a espetacularização não apenas da notícia, como habitualmente a pensamos, mas também da representação que os jornalistas fazem de si mesmos e de sua profissão.

Para a autora, uma teoria da notícia deve articular três níveis de preocupações: o da construção da notícia; o do discurso jornalístico, e o que cruza a notícia com as expectativas e os valores dos receptores. Ela se propõe a tratar dos dois primeiros níveis, abordando a notícia e os critérios de noticiabilidade, tocando em uma questão emblemática para o jornalismo - a relação entre jornalistas e suas fontes - e tratando do discurso jornalístico.

Em termos discursivos, faz rápidas distinções entre as formas informativas, narrativas e argumentativas, trabalhando especialmente os suportes do jornal e da televisão. Trabalha ainda com as categorias de enunciador, enunciado e enunciatário, mas ignora a distinção entre locutor e enunciador, uma conquista teórica proposta por Ducrot e que pode jogar luz sobre a construção do discurso jornalístico, pois por meio dela podemos trabalhar profundamente a relação entre a ideologia e o discurso.

Periodismo, noticia y noticiabilidad faz

uma varredura sobre os principais conceitos e problemas do jornalismo e indica um caminho para tratá-lo teoricamente a partir de sua própria complexidade.

O volume cinco, *La narración. Usos y teorías*, de María Eugenia Contursi e Fabiola Ferro, pesquisadoras argentinas, é um convite para um percurso pelos diversos enfoques teóricos e analíticos da narração. Além da interessante pesquisa bibliográfica, o texto propõe uma aproximação ao objeto narração a partir de um ponto de vista que, embora no início pareça estar mais vinculado com a lingüística, evolui para uma visão comunicacional, com uma perspectiva histórico-teórica que permite contrastar os distintos enfoques e níveis de análise desenvolvidos tanto na lingüística como na comunicação.

A narração é visitada como dispositivo lingüístico, cognitivo, comunicacional e cultural. Inúmeros autores-chave das distintas correntes são invocados na hora de descrever as diversas abordagens. Eles são contrastados e permitem obter o material para um trabalho que é iniciado com a definição dos conceitos no nível micro para, posteriormente, chegar a uma aplicação macrosociológica, estabelecendo a relação entre narração e contexto de produção, desenvolvendo as noções de uso, função e papel da narração, incluindo o seu lugar dentro do campo das ciências sociais e seus objetos de estudo.

A primeira parte do livro apresenta as teorias da segunda metade do século XX organizadas em dois eixos: procedimentos textuais (estruturas lingüísticas de organização da narração) e discurso narrativo (relação entre narração e alguns dos aspectos contextuais da sua produção). A segunda parte do livro dá uma visão mais ampla do aspecto comunicacional e sociocultural da narração.

O discurso histórico é foco de atenção como um gênero narrativo particular. Michel De Certeau, Hayden White, Michel Foucault, Roland Barthes, entre outros, são autores autorizados para falar disto.

---

A narração folclórica também merece especial atenção. O campo é visitado como um espaço que tem se proposto descobrir as significações das culturas através das narrativas populares. Vladimir Propp, Lévi-Strauss e outros autores permitem ao leitor se aventurar pelos caminhos dos estudos folclóricos. Nesta perspectiva, as autoras sustentam que a narração folclórica é utilizada para construir identidades sociais.

A narração etnográfica é outro dos exemplos salientados. Neste caso, a narração é usada como método de pesquisa e como sistema explicativo. Assim, constitui tanto método como epistemologia. Os relatos de vida são a base da pesquisa qualitativa; os sujeitos sociais, convertidos em informantes, fazem uso da narração para explicar a sua “realidade” cotidiana, mas, também mediante a narração, constroem essa realidade.

O terceiro exemplo é de casos na mídia, sustentado nos estudos de Aníbal Ford e Fernanda Longo, que dizem que a narração na mídia corresponde a um acontecimento entendido em termos individuais ou microssociais. Os autores sustentam que não há diferença clara entre o uso do caso nas ciências sociais e na mídia, porque ambos são modos de conhecimento que supõem discriminar, definir algo concreto sobre um pano de fundo contínuo, cenifica-o e hierarquiza-o.

Segundo as autoras, a narração é reconhecida como forma estruturadora de conhecimento, de inteligibilidade e produtora de sentido, enquanto que o discurso narrativo é o suporte do plano da expressão. Mas, na sua dimensão comunicativa, é também uma prática socialmente simbólica que adquire sentido num contexto social e, por sua vez, contribui à construção desse contexto social como espaço de significação no qual estão envolvidos os sujeitos.

O volume de número seis foi escrito pelo pesquisador mexicano Raúl Fuentes, com o título *Educación y telemática*. Trata-

se de um ensaio a propósito da irrupção da Internet no campo de estudos da comunicação e gira em torno da dimensão metodológica da comunicação, em uma perspectiva sociocultural, com a finalidade de aprofundar a crítica sobre a relação entre educação e novas tecnologias.

O número sete, cujo título é *Interculturalidad y comunicación*, foi escrito por Alejandro Grimson, professor da Faculdade de Ciências Sociais na Universidade de Buenos Aires, que começa dizendo que “não pretende abarcar a totalidade dos fenômenos interculturais, mas sim propor e sintetizar linhas para seu estudo nos processos comunicativos”. O autor trabalha nas interfaces entre cultura e comunicação, explorando ambientes fronteiriços onde comunidades de identidades distintas estabelecem relações.

O texto está dividido em três partes. A primeira se propõe a discutir cultura sob a luz de conceitos atuais, trazendo exemplos ilustrativos. O autor ressalta que freqüentemente os conceitos de cultura e identidade são confundidos e que nem as pessoas nem os grupos possuem uma identidade. O que ocorre é que as pessoas ou os grupos se identificam em um contexto sócio-histórico específico, através de um marco de relações sociais localizadas.

São apresentadas concepções de nação, nacionalismo e nacionalidade, dirigindo parte deste primeiro capítulo para o modelo sugerido por Rita Segato que coloca no centro da discussão as relações entre cultura, nação e Estado, sendo que nação está relacionada com três conceitos. O de campo de interlocução, delimitado por um contexto espaço-temporal determinado; o de caixa de ferramentas identitária, isto é, um amplo espectro de categorias criadas por uma sociedade durante sua história; e o sentido das categorias, objetos de disputas nas lutas sociais em jogo.

A segunda parte do livro destina-se a analisar múltiplas dimensões dos processos comunicacionais. São apresentados exemplos de manifestações

---

existentes entre culturas nacionais como na Argentina, no Brasil, nos Estados Unidos, na Alemanha, na China, entre outras, ressaltando que, quando indivíduos provenientes de experiências diferentes interagem, uma grande parte da assimetria de sentidos, característica da comunicação intercultural ou intersocietal, se estabelece de maneira tensa. O autor destaca que as diferenças se processam em situações de interação, quando são acionados um conjunto de instrumentos. Isto comprovaria que a comunicação surge da totalidade. São dados exemplos que demonstram como se dá esta totalidade, isto é, como a palavra, o tempo, o espaço, o conjunto dos movimentos corporais, o tato e até mesmo o silêncio fazem parte das manifestações próprias de cada grupo social, levando em conta o contexto onde estão inseridos.

A última parte está voltada para considerações sobre dificuldades e possibilidades conceituais da análise comunicacional, partindo de uma perspectiva intercultural. Grimson destaca que é difícil definir o cenário intercultural, bem como os critérios para estabelecer que pessoas ou grupos se constituem como diferentes em uma situação de interlocução. Na busca de resolver tais impasses, ele sugere um modelo de análise baseado na concepção de quatro campos de investigação, utilizando dois critérios: o tipo de comunicação, se direta ou mediatizada tecnologicamente, e a cena comunicativa, dentro do espaço do grupo sociocultural ou com outros grupos sociais e culturais. A partir do cruzamento destes pontos, surgem quatro tipos ideais de âmbito de investigação dos processos: os de comunicação direta, intra e intercultural, e os de comunicação tecnologicamente mediatizada, também intra e intercultural. O autor alerta, entretanto, que nenhum tipo de esquema pode dar conta da totalidade das interações de pessoas ou grupos. Da mesma forma, salienta que não é tarefa fácil definir o intra e o intercultural, nem tampouco quais as

dimensões comunicacionais a considerar. E, para ilustrar seu pensamento, apresenta exemplos baseados na mídia, na publicidade e na postura de empresas e empresários que realizam negócios transfronteiriços.

O texto é simples mas cumpre seu papel, destinado a estudantes das ciências humanas, professores e profissionais ligados à interculturalidade. É rico em exemplos baseados em trabalhos que Grimson vem realizando na busca de desvendar os mistérios existentes nos pontos de contato entre cultura, comunicação, identidade e sociedade.

O oitavo volume ficou a cargo do pesquisador brasileiro Muniz Sodré e chama-se Sociedad, cultura y violencia, dedicado ao estudo da violência sob o ponto de vista da comunicação, mas com uma abordagem transdisciplinar. O volume de número nove foi escrito pelo pesquisador argentino Eliseo Verón que o intitulou como El cuerpo de las imágenes. É apresentado como uma análise de programas e gêneros televisivos, que geram uma teoria específica sobre a televisão no conjunto dos meios audiovisuais, clarificando seu papel no processo de mediatização da sociedade.

Fútbol y Cultura, o décimo volume, foi escrito a duas mãos pelos antropólogos brasileiros Ruben G. Oliven e Arlei S. Damo, professores no Rio Grande do Sul, que perguntam: qual a importância do futebol para os estudos sobre sociedade e cultura? Esta é a questão que baseia o desenvolvimento do livro, que, segundo os próprios autores, traz uma visão antropológica sobre o modo como o futebol é percebido e vivenciado na América Latina.

Oliven e Damo mostram que trabalham com um objeto de estudo ainda controverso na academia e mesmo na sociedade em geral. Com relação à primeira, os autores apontam uma genealogia do preconceito das Ciências Sociais em estudar o futebol. Discorrem,

---

por exemplo, sobre a influência do movimento trabalhista de esquerda que reduz o futebol a um produto acabado de consumo de massas. E ainda assinalam o amadurecimento científico dos estudiosos em esporte, frente a uma população que se considera experta no assunto. Oliven e Damo indicam que esta é uma população de técnicos de futebol, cujas inquietações diferem das dos antropólogos. Estes últimos estão concentrados no esporte em sua acepção simbólica e não meramente prática. E é desse ponto de partida que os autores analisam como estes aspectos simbólicos pertencentes ao futebol se relacionam com a formação da identidade social.

Desde o primeiro dos cinco capítulos, o futebol é tratado como uma vivência cotidiana que ajudará a configurar na sociedade noções como as de cidadania, nação, tradição e cultura. Pode-se destacar a descrição de como o desenvolvimento histórico do pensamento da sociedade sobre o esporte vai modificando essas noções, que se concretizam sob diferentes formas, abordadas no livro. A conformação de regras para o jogo, clubes e suas torcidas, administradores e mercado, são alguns exemplos.

Quanto à análise apresentada pode-se dizer que os autores buscaram, principalmente, evidenciar as possibilidades de abordagem do futebol como objeto de pesquisa. Dessa forma, são propostos desafios e questionamentos a serem explorados em profundidade, posteriormente. Afinal, Oliven e Damo conseguem atestar não só a importância do futebol para os estudos sobre sociedade e cultura, mas também a riqueza de informação que este esporte guarda aos olhares mais atentos.

O volume de número 11 foi escrito pela antropóloga argentina Rosana Guber e chama-se *La etnografía. Método, campo y reflexividad*, o qual começa colocando uma questão fundamental para a área: “Vale a pena escrever um volume sobre

trabalho de campo etnográfico nos alvares do século XXI?”

A autora responde defendendo a idéia de que o contexto de surgimento da etnografia é muito semelhante ao contexto globalizado que estamos vivendo, pois sua sistematização foi parte do processo de compressão tempo-espacial vivido com a revolução industrial, que encurtou distâncias e mudou as formas de percepção e socialização. Com este paralelo, ela posiciona a etnografia em sua tripla acepção – enfoque, método e texto –, como meio e estratégia para explicar o ressurgimento dos etnonacionalismos, dos movimentos sociais, para descrever e explicar a globalização e restituir-lhe a imprescindível agência social.

A tarefa, no primeiro capítulo, aparece com uma breve história do trabalho de campo etnográfico, onde ressalta as heranças de Franz Boas, Bronislaw Malinowsky, Margaret Mead e Radcliffe-Brown, no contexto das culturas exóticas, estudadas pela antropologia, e no dos segmentos marginais, estudados pela sociologia.

Historiando de forma compactada o desenvolvimento do campo, chega aos anos 60, quando o fim do colonialismo transforma as práticas de pesquisa, pois a tensão proximidade- distância entre o etnógrafo e os nativos distende-se. O cenário agora pode ser a própria cultura, o que traz como corolário o debate sobre a “natividade” do etnógrafo, em especial nos territórios africanos e asiáticos, libertos do imperialismo europeu. O procedimento epistemológico de familiarizar-se com o exótico requer agora uma postura de “exotizar” o familiar, diz a autora, apropriando-se de Roberto Da Matta.

O segundo capítulo coloca uma questão cara às Ciências Sociais, em especial para a antropologia, que é a reflexividade na produção do conhecimento, debate introduzido por Harold Garfinkel entre os anos 50 e 60, através do enfoque da etnometodologia.

---

Tratando-se de etnografia, a reflexão recai sobre o trabalho de campo e a produção do conhecimento, aí ganhando a dimensão da consciência do investigador sobre sua pessoa e os condicionamentos sociais e políticos- gênero, idade, etnia, classe social e afiliação política- na sua relação com os informantes.

Os capítulos três e quatro esmiuçam dois procedimentos básicos da etnografia: a observação participante e a entrevista etnográfica. No primeiro caso, a autora discute as relações intrínsecas entre participar e observar em termos de uma equação a ser resolvida no trabalho em campo e como uma questão epistemológica, que segue diferentes tradições: a objetividade positivista e a subjetividade naturalista. Neste marco debate também uma tipologia que vai da pura observação até a participação plena, as duas pontas dos procedimentos mais comuns que são a observação participante e participação observante. Quanto à entrevista etnográfica, é colocada também no contexto interpretativo da observação participante, uma vez que para a autora trata-se mais de seu caráter performático do que propriamente informativo. A entrevista promove uma relação frente a frente em que se encontram diferentes reflexividades, promovendo uma terceira, própria da situação. Além de discutir estas e outras condições de produção de conhecimento, no encontro dos enquadramentos teóricos do pesquisador e do entrevistado, o terceiro capítulo dissecar tecnicamente os procedimentos e limites da entrevista etnográfica.

No quinto capítulo, é analisado um incidente durante um trabalho etnográfico, a partir do qual a autora reflete sobre a postura do pesquisador em campo, tratando da tensão fundante sobre os usos e interpretações da situação vivenciada por ele e seus informantes. Discute as implicações do pesquisador como pessoa, suas emoções, classe, nacionalidade e, especialmente, as suas posições de gênero, em uma

disciplina que nasce ainda sobre a égide do mundo absolutamente masculino.

Como epílogo, a autora trata do método etnográfico no texto e termina respondendo ao questionamento inicial: sim, é importante continuar fazendo etnografia em um mundo globalizado porque se pode submeter as elucubrações epistemo-etno- cênicas ao diálogo com as urgências, as histórias e as vidas dos nativos em qualquer ponto do planeta.

O volume mais recente, o de número 12, publicado em julho de 2001, é apresentado por Guillermo Orozco, pesquisador mexicano envolvido com os estudos de audiência e recepção desde o final da década de 80. O livro chama-se *Televisión, audiencias y educación* e está voltado para a abordagem de um tema pontual e cada vez mais importante para a sociedade midiática. Com experiência de vários anos de pesquisa sobre a relação televisão/ educação, Orozco faz reflexões pertinentes e que ajudam a repensar a forma como educadores têm utilizado a televisão e como a educação das audiências faz-se essencial para que a sociedade usufrua desse meio de comunicação a fim de atender às suas necessidades – lembrando que mudar o meio é uma luta antiga e que, infelizmente, não trouxe vitória a ninguém.

Dividido em quatro capítulos, o primeiro aborda a tríade audiências, “televidências” e mediações, levantando as mediações que interferem na forma como os telespectadores interagem com a televisão e com a sua mensagem, ressaltando que a “televisão, nunca se pode esquecer, é uma instituição social com história, objetivos, definições e alianças particulares”.

O segundo capítulo é dedicado ao tema “televidências” e mediações, no qual disserta sobre as “micromediações, televidências de primeira ordem, televidências de segunda ordem, macromediações, instituições mediadoras e outras fontes de mediação.

---

Orozco destaca que “televidenciar”, ou seja, ver, escutar, perceber, sentir, gostar, pensar, comprar, avaliar, guardar, retrain, imaginar e interagir com a televisão são atividades paralelas ou simultâneas de um longo e complicado processo midiático-comunicacional. Por isso, é fundamental considerá-las e reconhecê-las para poder, a partir daí, entender o processo da recepção.

O terceiro capítulo, “Educação, Imagens, Palavras e Tecnologia”, retrata a presença expansiva, incisiva e poliforme da televisão nas sociedades latino-americanas, que têm “introjetado uma fonte de educação inédita”, lembrando que todas as televisões educam, ainda que não se programem para isso. Trata o meio enquanto aparato tecnológico, suas limitações e alcances, e também como uma ferramenta institucional, feita de mensagens, imagens, conteúdos, métodos e palavras e que dispõe de recursos didáticos e políticas educativas.

O último capítulo, intitulado “Rearticulação pedagógica da televisão e as televidências”, é destinado à discussão sobre a urgência da desconstrução pedagógica da televisão e o estudo das suas convergências pedagógicas, no qual defende que a escola precisa estabelecer uma aliança estratégica com a televisão e assumi-la, intencionada e criticamente, em todos os seus níveis, âmbitos e modalidades, do contrário a escola sucumbirá enquanto instância educativa. O autor ressalta ainda a importância desta aliança, lembrando que ir contra a televisão não tem produzido as mudanças esperadas no passado, apesar das críticas apocalípticas, e que uma mudança só ocorrerá se trabalharmos a partir das audiências e não mais dos meios. O grande desafio, para ele, é educar as audiências para que estas se conectem de outras maneiras com os meios, usando-os e aproveitando-os para seus próprios objetivos.

A coleção prossegue com os

volumes *Publicidad y hegemonía: Matrices discursivas* de Eliseo Colón Zayas e *Arte y computadoras* de Diego Levis, já no prelo. Como pode-se constatar a coleção trata de uma gama de assuntos e enfoques emergentes e fundantes para a área da comunicação e da cultura, nestes tempos de acomodação teórica e paradigmática .

#### Notas

- 1 Professoras da FABICO/UFRGS.
- 2 Alunas do Mestrado em Comunicação e Informação da UFRGS.
- 3 Bolsista de Iniciação Científica/CNPq.
- 4 Foram resenhados os volumes 3, 4, 5, 7, 10, 11 e 12. Para apresentar os de número 1, 2, 6, 8 e 9 foram usados comentários do editor.